

FACULDADE CAPIXABA DA SERRA - MULTIVIX SERRA

PEDAGOGIA – MATUTINO

CLÉRIA DA PENHA DIAS DEL ANTÔNIO

SUELI KILL DA SILVA

**A INCLUSÃO DA CRIANÇA COM ASPERGER NA ESCOLA COMUM: UM
ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE VITÓRIA**

SERRA

2014

CLÉRIA DA PENHA DIAS DEL ANTÔNIO

SUELI KILL DA SILVA

**A INCLUSÃO DA CRIANÇA COM ASPERGER NA ESCOLA COMUM: UM
ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE VITÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia
da Faculdade Multivix Serra como
requisito parcial para obtenção do
grau Licenciado em Pedagogia.
Orientadora: Camila Reis

SERRA

2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)

(Biblioteca da Faculdade Capixaba da Serra - Multivix. Serra, ES.).

SILVA, Sueli Kill da.

A inclusão da criança com Asperger na escola comum: um estudo de caso no município de Vitória. / Cléria da Penha Dias Del Antônio, Sueli Kill da Silva. – Serra: Faculdade Capixaba da Serra, 2014.

46fls.

Orientador: Professora Camila Reis

Trabalho de conclusão de curso (Curso de Pedagogia) – Faculdade Capixaba da Serra – Multivix 2014.

1.Educação inclusiva. 2. Síndrome de Asperger. I. Reis, Camila. II. Faculdade Capixaba da Serra - Multivix. III. Curso de Pedagogia. IV. Título.

CDD: 371.94

CLÉRIA DA PENHA DIAS DEL ANTÔNIO

SUELI KILL DA SILVA

A INCLUSÃO DA CRIANÇA COM ASPERGER NA ESCOLA COMUM: UM
ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE VITÓRIA

Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Pedagogia da Faculdade Capixaba da Serra –
Multivix Serra, como requisito parcial para a obtenção do grau em licenciatura plena em
Pedagogia.

Aprovada em.....de.....de 2014

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora XXXXXXXXXXXXXXXX

Faculdade Capixaba da Serra

Orientadora

Professor XXXXXXXXXXXXXXXX

Faculdade Capixaba da Serra

Membro 1

Professor XXXXXXXXXXXXXXXX

Faculdade Capixaba da Serra

Membro 2

Dedicamos aos nossos pais, com
todo o nosso amor.

Agradecemos,

À professora Orientadora Camila
Reis, por nos ter conduzido para a
concretização desse trabalho.

Aos nossos companheiros, que
estiveram presentes nos momentos
mais difíceis da nossa caminhada
acadêmica.

Aos nossos alunos aspergers, que
nos deram o privilégio de conhecê-
los.

“Nem tudo que foge do comum precisa necessariamente inferior.”

Hans asperger, 1938

RESUMO

Se almejarmos uma escola inclusiva, teremos sucessivamente muitos desafios nas nossas práticas pedagógicas. Receber crianças com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) em sala de aula causa sempre um grande desafio. É preciso saber olhar, interpretar e só depois intervir perante os comportamentos e atitudes dessas crianças. Não basta que os professores tenham só prudência ou se comovam com tal situação, mas especialmente que tenham uma formação apropriada de forma que possa acolher da melhor maneira possível tais alunos e assim garantir igualdade de oportunidades para todos ao invés de conduzi-los para o insucesso escolar. Com esse pensamento, o presente trabalho pretende apresentar as problemáticas relacionadas à educação inclusiva focando o aluno com Síndrome de Asperger (SA), enriquecendo as práticas na educação especial. Buscamos permear questões como ela se desenvolve no indivíduo, suas necessidades, aceitação no ensino regular e estratégias a utilizar, de acordo com nossas vivências, observações e pesquisas, para vencer os desafios e limitações em sala de aula. Procuramos também explicar as dificuldades que encontramos no que se refere ao aspecto docente, tendo em vista a falta de informação que caracteriza as práticas de muitos profissionais.

Palavras-Chave: Educação inclusiva. Síndrome de Asperger. Desafios

ABSTRACT

If we have an inclusive school, we have successively many challenges in our pedagogical practices. Receiving children with Special Educational Needs (SEN) in the classroom always causes a great shock. You must know how to look, interpret and then intervene before the behaviors and attitudes of these children. Not just that the teachers have only prudence or if they come with such a situation, but especially that they have an appropriate training so that you can receive the best possible way such students and to ensure equal opportunities for all the others, instead of taking them to the school failure. With this thought, this work aims to present the issues related to inclusive education by focusing on the student with Syndrome of Asperger (SA) enriching the practices in special education, whereas what is the Syndrome, whose diagnosis is usually shown after the first contact of the child with the school and with the difficulties that arise in this context. As it develops the individual, their needs, acceptance in Regular Education and strategies to be used, according to our experiences, observations and research, in order to overcome the challenges and limitations in the classroom. We will also explain the difficulties that will be faced in the teaching aspect, having in view the lack of information about the practices of these professionals.

Key Words: inclusive Education. Asperger's Syndrome . Challenges

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	11
2 – CARACTERIZANDO A SÍNDROME: ASPECTOS BIOLÓGICOS E HISTÓRICOS	14
3 - CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS	20
3.1 OBJETIVOS.....	20
3.1.1 Geral.....	20
3.1.2 Específicos.....	20
3.2 – SUJEITOS DO ESTUDO.....	20
3.3 LOCAL DE ESTUDO.....	21
3.4 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	21
4 – OS SUJEITOS DA PESQUISA: O QUE AS OBSERVAÇÕES NOS REVELAM?	24
4.1 PERCEPÇÕES ACERCA DE CARLOS.....	24
4.2 PERCEPÇÕES ACERCA DE JOÃO.....	25
4.3 PERCEPÇÕES ACERCA DE MARIANA.....	26
4.4 PERCEPÇÕES ACERCA DE JÚLIA.....	27
4.5 PERCEPÇÕES ACERCA DE CAROLINA.....	27
5 - A RELAÇÃO APRENDIZAGEM X DESENVOLVIMENTO E AÇÕES PEDAGÓGICAS REALIZADAS COM UMA CRIANÇA COM ASPERGER: UM ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE VITÓRIA	29
6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
7 – REFERÊNCIAS	36
APENDICES	40
APENDICE A - Termo de Consentimento de Participação.....	40
APENDICE B - Questionário sobre a Síndrome de Asperger e a inclusão.....	41
APENDICE C - Relatório da estagiária do aluno Carlos.....	44

APENDICE D - Relatório da estagiária do aluno João.....	46
---	----

1 – INTRODUÇÃO

A educação especial gera frequentes reflexões no cenário educacional, especialmente por estar ligada a uma temática bastante atual, a inclusão social e, conseqüentemente, a inclusão educacional. O princípio da igualdade é o principal norteador da inclusão escolar, que visa construir uma sociedade justa, garantindo que, independente das diversidades, todos tenham acesso às mesmas oportunidades, o que inclui a prática da cidadania na sua essência.

O tema inclusão escolar é relativamente recente e ganhou forças após as Conferências de Jomtein (1990) na Tailândia e Salamanca (1994) na Espanha, que deram origem às Declarações de Jomtein e Salamanca. Havia a necessidade de dar outro sentido à inclusão, não apenas aceitando o aluno com NEE¹ na escola comum, mas garantir sua permanência nesses locais, disponibilizando o mesmo tratamento que aos demais alunos, respeitando-se suas especificidades e necessidades. (CARVALHO, Rosita Edler,2000)

No Brasil há leis que dão amparo ao movimento da inclusão escolar. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9394/96 - a Constituição Federal (1988), a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva (2008), o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECRIAD) bem como outros marcos legislativos, são instrumentos que devem servir de respaldo na busca por tornar esse desafio da inclusão possível. É verdade que incluir em um sistema regular de ensino não é tarefa fácil visto que demanda um planejamento integrado, com a formação de profissionais, acessibilidade dos alunos, dentre outros tantos projetos que viabilizem o acesso e a permanência desses alunos na escola comum.

Contudo a Política Nacional de Educação Especial, na Perspectiva da Educação Inclusiva, assegura acesso ao ensino regular a alunos com

¹ NEE - Necessidades Educacionais Especiais.

deficiência (mental, física, surdos e cegos), com transtornos globais do desenvolvimento.

A Síndrome de Asperger (SA) é um transtorno autístico, entendido como um Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), com dificuldades relevantes de interação social e na quebra de rotinas. Pensando nas características inerentes à criança com Asperger e em situações vivenciadas no contexto escolar, pretende-se com esta pesquisa, entender como se dá o processo de inclusão de uma criança com SA na escola comum. Buscar-se-á ainda, compreender a concepção de professores acerca da síndrome e como esses profissionais tem desenvolvido o trabalho pedagógico para com alunos com SA. É de relevância ressaltar que nossa proposta ultrapassa um contexto de medicalizações, galgando por melhorias na inclusão dessas crianças, no ambiente escolar.

Apesar de a SA ter sua descrição características definidas, entendemos que esse sujeito pode ser capaz de ter uma vida tão normal quanto possível, mesmo diante das dificuldades e limitações. A vida social abre inúmeras possibilidades contribuindo na formação e constituição deste sujeito de forma plena e integral.

A partir das experiências vivenciadas no ambiente de estágio, percebemos que em nosso futuro exercício da profissão, conviveríamos com indivíduos com especificidades diferentes. Emerge, então, a necessidade de compreendê-los, buscando ajudá-los de forma a contribuir para o seu crescimento, desenvolvimento, aprendizado e, principalmente com a inclusão, de fato, dessas crianças.

Percebemos um grande desconhecimento acerca dos sujeitos com necessidades educacionais especiais, permeando as práticas dos profissionais da educação (professores, gestores, atores escolares de forma geral). Foi possível constatar que o aluno com NEE, muitas vezes conta apenas com a parceria dos profissionais da Educação Especial e dos estagiários, que dão apoio fundamental a fim de tornar mais produtivo o período que essas crianças passam na escola. Aquém das expectativas, fica a atuação do professorado, seja de forma voluntária ou involuntária, pois é nítida a falta de preparação para lidar com essa diversidade, sendo, inclusive, indispensável a presença do

estagiário ao lado do aluno. Alguns profissionais demonstram forte resistência com relação às adaptações nas disciplinas, que esses alunos com Síndrome de Asperger necessitam.

Diante das considerações acima expostas, a problemática central envolve a preocupação acerca de como essa criança com SA tem sido incluída nos contextos familiar e escolar, haja vista que atender ou suprimir suas limitações e necessidades, pode influenciar de forma substancial, negativa ou positivamente, seus processos de aprendizagem, desenvolvimento e constituição com um todo.

Faremos neste estudo uma investigação com profissionais e familiares, com o intuito de diagnosticar os problemas ou práticas positivas que vem sendo desenvolvidas com as crianças com SA, no contexto da escola comum. E, diante dos dados levantados buscarmos respostas para questionamentos do tipo: como têm sido estabelecidos os processos de ensino e aprendizagem da criança com Síndrome de Asperger na escola comum? Os profissionais envolvidos sentem-se preparados no que tange às suas práticas junto ao aluno com Síndrome de Asperger? O processo de inclusão realmente acontece? Como a família está interagindo com a escola no sentido de buscar a inclusão, na prática, dos seus filhos? A família encontra suporte na equipe pedagógica da escola?

2 – CARACTERIZANDO A SÍNDROME: ASPECTOS BIOLÓGICOS E HISTÓRICOS

De acordo com Drago (2012), a Síndrome de Asperger (SA) foi descrita em 1944, por Hans Asperger, trata-se de uma síndrome predominante no sexo masculino, cuja prevalência exata não se conhece, uma vez que, a diferenciação deste transtorno do espectro das síndromes autísticas é difícil. Da mesma forma que o autismo, não existe exames clínicos que identifiquem a SA, sendo o diagnóstico feito através da observação dos comportamentos.

Apesar de descrita na medicina em 1944, por Hans Asperger, o transtorno só foi reconhecido no início da década de 90. Fato este que caracteriza o tema recente e de pouca clareza para muitos profissionais da educação. Nesse sentido, o diagnóstico é baseado em análises clínicas e por meio da observação de características comportamentais.

É um transtorno de validade nosológica² incerta, caracterizado por uma alteração qualitativa das interações sociais recíprocas, semelhantes à observada no autismo, com um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Ele se diferencia do autismo essencialmente pelo fato de que não se acompanha de um retardo ou de uma deficiência de linguagem ou do desenvolvimento cognitivo. Os sujeitos que apresentam este transtorno são em geral muito desajeitados. As anomalias persistem frequentemente na adolescência e idade adulta. (³CID 10, f 84.5).

Outra definição para esse transtorno dada por Klin (2006) diz que, caracteriza-se por prejuízos na interação social qualitativa, bem como por interesses e comportamentos limitados e estereotipados, mas seu curso de desenvolvimento precoce está marcado por uma falta de qualquer retardo clinicamente significativo na linguagem falada ou na percepção da linguagem, no desenvolvimento cognitivo, nas habilidades de autocuidado e na curiosidade sobre o ambiente.

De acordo com Orrú (2007), muitos foram os estudos para a composição dos critérios para o diagnóstico da síndrome. Atualmente, a SA se encontra no conceito dos transtornos do desenvolvimento, sendo entendida como uma variante do autismo.

² Nosologia – ciência que trata da classificação das doenças.

³ CID – Classificação Internacional de Doenças

Normalmente, somos capazes de emitir opiniões sobre outras pessoas, se as mesmas são do nosso convívio ou conhecida por nós. Podemos perceber até mesmo pelo tom de voz, como o Outro se sente (tristeza, felicidade ou raiva). O sujeito com Asperger não possui essa mesma percepção, sendo incapaz de decodificar sinais do comportamento de outrem.

O diagnóstico da SA geralmente se revela após os primeiros contatos da criança com a escola e com as dificuldades que emergem neste contexto. É comum a ocorrência de diagnósticos errôneos sendo a SA confundida com hiperatividade ou déficit de atenção. Segundo Belisário Filho,

(...) as características essenciais do Transtorno de Asperger consistem em prejuízos persistente na interação social e no desenvolvimento de padrões repetitivos de comportamento, interesses e atividades. A perturbação pode causar prejuízo clinicamente significativo nas áreas social, ocupacional ou em outras áreas importantes do funcionamento. (BELISÁRIO FILHO, 2010, p. 16)

O presente trabalho teve o privilégio de ser desenvolvido em uma escola onde há grande incidência de alunos com a síndrome. Por isso, nas observações comportamentais desses alunos foi possível perceber que os indivíduos com Síndrome de Asperger tem um modo de falar peculiar, de forma que o jeito formal, muitas vezes, acaba se tornando impróprio para o uso casual. É como se o indivíduo com Asperger estivesse sempre em um discurso. Se seus assuntos preferidos estiverem na pauta, então ele se envolve ainda mais na conversa. O aluno com Asperger trata as figuras de linguagem, especialmente as metáforas de forma literal, não sendo, de primeiro momento, tão compreensível para ele.

Expressões faciais não são relevantes no indivíduo com síndrome de Asperger, mas aos poucos, com a convivência ela vai sendo desenvolvida e compreendida, numa prática constante, por isso, para esse indivíduo se colocar no lugar do outro é uma tarefa difícil que vai demandar tempo e paciência para ser alcançada.

Há muitos casos de superdotação entre as pessoas que tem SA, mas na escola pesquisada não foi encontrado nenhum caso. Os alunos, objetos da nossa pesquisa nos mostraram gostos diferentes uns dos outros, como por

exemplo, o gosto pela disciplina de Matemática (de um) e o gosto pela leitura (de outro). Esse último chega a contar os minutos para biblioteca abrir para que ele entre e lá, fica imóvel diante dos seus livros prediletos como se nada estivesse ali por perto.

Pontualidade é um ponto forte dos alunos com síndrome de Asperger. Eles detestam ficar para trás, seja na hora de entrar para a sala de aula, seja para merendar, para serem chamados para compor o time durante as aulas de Educação Física, etc.

Porém, em contato com alunos que apresentam a síndrome, foi possível perceber que esses talentos se contradizem com comportamentos que acabam desequilibrando essa balança. Apesar de eles terem comportamentos e interesses seletivos, isso não faz com que exclua tudo o mais. O que ocorreu inúmeras vezes (observação nossa), foi que procura, dependendo da situação, “desculpas” para não fazer determinada atividade. Essas desculpas vão desde dores até sono. Algumas vezes chegam até a fingir que estão dormindo para não executarem as tarefas.

Apesar de ser em um grau leve do Autismo, o aluno com SA tem uma enorme resistência a mudanças de rotina. O professor precisa de muita paciência e persistência para tornar a mudança de rotina uma rotina na vida escolar do seu aluno. A troca de lugares, frequentemente, com o passar do tempo ajuda ao aluno a entender melhor esse quebra na sua rotina.

A maioria dos alunos com Asperger apresenta grafia difícil e em muitos casos, quase é indecifrável. A coordenação motora fina deles, muitas vezes não condiz com a idade. Mas isso, especialmente para um aluno daquela escola não se configura em um “defeito” ou algo a melhorar, pois ele recusa ajuda nesse sentido alegando que é o seu jeito de escrever. Em consequência disso, não gosta de escrever. Eles têm problemas com a quantidade de conteúdos. Por isso, é interessante que o professor seja tolerante e compreensivo no momento em que se planeja para diminuir as atividades desses alunos. Diminuir a quantidade não significa que eles não saibam o conteúdo e sim, que eles ficam desesperados se os outros começarem a acabarem antes deles e eles forem ficando para trás, como já dito anteriormente.

Attwood (2006) relata que o maior prejuízo para os diagnosticados com a SA é com relação à interação social, falta de reciprocidade emocional ou social e incapacidade de desenvolver relacionamento com seus pares. As crianças com Síndrome de Asperger,

[...] podem ser descritas por pais e professores, como socialmente desajeitadas, de tal forma que outras crianças muitas vezes consideram que a criança com Síndrome de Asperger não são divertidas para brincar, e não se conformam com as regras usuais de amigo, tais como reciprocidade, partilha e cooperação (ATTWOOD, 2006, p.49).

Esses comportamentos da criança com SA, muitas vezes acabam fazendo com que muitos profissionais da área da educação não percebam a especificidade daquela criança e por isso mesmo, não identificam vários outros comportamentos característicos da síndrome.

A SA é um exemplo de distúrbio de difícil identificação e diagnóstico e manejo controverso, mas que, como qualquer transtorno do espectro de doenças mentais autísticas, requer interdisciplinaridade e entendimento entre o educador e o profissional da saúde, de modo que seja proporcionada uma abordagem pertinente, bem como uma terapêutica adequada àqueles indivíduos.(DRAGO, 2012, p.101).

É fato que crianças com SA têm muitas dificuldades de realizar interações sociais e por isso mesmo é tão importante que haja uma parceria entre a família e escola. As trocas de informações são primordiais para que seja feito um planejamento que proporcione ao aluno a melhor forma de ajudá-lo a, aos poucos, se sentir parte da escola.

Tratar a Síndrome de Asperger envolve a participação efetiva de muitos profissionais não somente da área da educação, como professores, pedagogos, professores especializados e psicopedagogos, mas também envolve profissionais da área da saúde, e esses são de importância ímpar no processo de tratamento. Dentre esses estão médicos, neurologistas e fonoaudiólogos, já que muitos indivíduos com SA possuem alteração na fala. Os profissionais mais envolvidos procurarão tornar mais possível ao aluno com Asperger adquirir habilidades e buscarão recursos para facilitar o convívio social desses alunos. Vale ressaltar que nem sempre os resultados aparecem em curto prazo, pois o distúrbio é crônico. Ainda é necessária a presença de

medicamentos para o controle da ansiedade e irritabilidade comuns a esses indivíduos. A falta desses tratamentos e acompanhamentos poderá resultar numa vida adulta com sérias dificuldades de relacionamentos sociais e pessoais. Diante disso, significa afirmar que o diagnóstico cedo e, conseqüentemente, o tratamento, farão toda a diferença para uma melhor qualidade de vida desse indivíduo.

Diante de tudo o exposto anteriormente podemos dizer que o tratamento do indivíduo com síndrome de Asperger não deve ser único para todos. Ele precisa ser específico para cada pessoa. Os alunos da escola, alvo dessa pesquisa, por exemplo, tem tratamentos bem diferentes, que se baseiam no comportamento de cada um. O que constatamos de comum a todos foi o medicamento que ingerem, a ⁴Ritalina. Ela é usada para que o déficit de atenção seja controlado, por esse motivo, a presença da família é imprescindível, uma vez que, quando esses alunos não são assistidos, com efeito, sua atenção em sala de aula fica realmente muito prejudicada. Nesse contexto, reforçamos que a participação da família é de suma valia, sendo a responsável por tornar possível que a vida escolar dessas crianças seja significativa. Quando a família se interessa em ajudar, ela busca se informar melhor, em procurar manter (ainda mais que a família dos alunos considerados “normais”) uma relação de parceria com a escola, com os professores regentes e profissionais de Educação Especial. Aproximação essa que, tem muito a enriquecer todas as partes. É uma parceria que tem como o maior beneficiário, o aluno.

Contudo, diagnóstico e tratamento precoces trazem para as famílias o benefício de que eles poderão aprender a conviver com o problema da Síndrome de Asperger. Em contrapartida, esses indivíduos diagnosticados e tratados precocemente tornam-se adultos plenamente capazes de exercerem atividades em cargos e trabalhos convencionais e são perfeitamente capacitados para levarem uma vida independente. O prognóstico, salvo algumas observações particulares, pode tornar possível uma vida praticamente

⁴ Ritalina – metilfenidato, da família das anfetaminas, prescrita para adultos e crianças com transtornos de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH).

normal para essas crianças, assegurando uma vida adulta feliz, segura e realizada.

3 - CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

3.1 OBJETIVOS

3.1.1 Geral

- Compreender o processo de inclusão do aluno com Síndrome de Asperger, matriculado em uma escola regular comum da Prefeitura Municipal de Vitória.

3.1.2 Específicos

- Analisar se o ambiente escolar, principalmente a sala de aula tem proporcionado segurança e confiança ao aluno com Síndrome de Asperger;
- Contribuir com a interação do aluno com a síndrome, criando situações que provoquem envolvimento com outros alunos, favorecendo sua socialização;
- Pontuar questões sobre como as escolas se preocupam com a educação dessas crianças, o que é ensinado a elas e a maneira como crianças com Síndrome de Asperger poderão apresentar resultados positivos;
- Entender, a partir da fala dos agentes escolares, se os mesmos sentem-se preparados a trabalhar e contribuir no desenvolvimento do sujeito com SA.

3.2 – SUJEITOS DO ESTUDO

São sujeitos deste estudo: dois alunos com idades de 9 e 15 anos, estudantes com Asperger de uma escola municipal de Vitória. Contamos ainda com a importante parceria de duas professoras de Educação Especial, uma com vasta experiência e outra no início de sua carreira profissional; e uma professora do ensino regular, que responderam nossos questionários e nos deram suporte para concluirmos mais uma das etapas do nosso trabalho.

Os sujeitos foram identificados conforme observação e interesse pessoal, especialmente pela aproximação conquistada por nós em relação aos alunos durante o período de Estágio. As professoras da Educação Especial foram

nossas aliadas na busca por ações para com os alunos com Asperger, no cotidiano do Estágio, em sala de aula.

Reiteramos ainda que tivemos a participação de alguns professores na nossa pesquisa, uma vez que, mesmo sendo a pesquisa sobre alunos com Síndrome de Asperger, precisamos saber como é o trabalho dos profissionais que lidam diretamente com os mesmos, que nos darão suporte prático no processo de aprendizagem de tais alunos.

Preservando a identidade dos sujeitos da pesquisa, usaremos nomes fictícios para representa-los. Para os alunos com Asperger utilizaremos os nomes: Carlos, para o aluno de 9 anos e João para o aluno de 15 anos. No que tange as professoras colaboradoras utilizaremos: Mariana, para a professora de Educação Especial com vasta experiência; Júlia, para a professora de Educação Especial em início de carreira e Carolina, para a professora do ensino regular.

3.3 LOCAL DE ESTUDO

O cenário da pesquisa é uma escola de ensino regular pública do município de Vitória. A fim de resguardar a privacidade dos colaboradores de nossa pesquisa, utilizaremos um nome fictício para representa-la: “Escola Laço Azul”.

Essa escola é referência no atendimento de crianças com diversos tipos de transtornos, síndromes e deficiências. No horário do nosso estágio (vespertino) havia cinco crianças com Síndrome de Asperger, com laudo médico, frequentando regularmente a escola em questão.

3.4 METODOLOGIA DE PESQUISA

Após um ano e meio de Estágio na escola “Laço Azul”, observamos todo o contexto dentro daquele espaço e estivemos coletando dados sobre o comportamento desses alunos e sobre a atuação dos profissionais envolvidos para com esses sujeitos.

Percebemos que era latente a importância de irmos além da observação, e que seria de extrema relevância que soubéssemos o que os professores envolvidos nesse processo pensavam e sentiam. Buscamos ouvir as dificuldades dos professores com relação ao trabalho com alunos com transtornos globais do desenvolvimento. Dificuldades essas que, durante esse período de observação, ficou evidente por parte de alguns profissionais da escola, principalmente no fato de quererem padronizar os alunos com o mesmo tipo de síndrome..

Nesse sentido, podemos afirmar que os procedimentos de coleta de dados adotados por nós nessa pesquisa foram: a observação não participante bem como a utilização de questionários. Vale ressaltar ainda as pesquisas bibliográficas realizadas em torno da síndrome em questão.

Nosso estudo é de base qualitativa uma vez que, segundo Demo (2009, p.152), “a pesquisa qualitativa quer fazer jus à complexidade da realidade, curvando-se diante dela, não o contrário como ocorre com a ditadura do método ou a demissão teórica que imagina dados evidentes”.

As perguntas dos questionários foram previamente elaboradas a partir de um roteiro, com o intuito de saber o que os agentes educacionais pensam em relação ao transtorno em estudo. Buscamos fazer com que os mesmos se comprometessem e até mesmo que refletissem sobre o assunto, inclusive, sobre suas próprias práticas.

Após optarmos pelo questionário para levantamento dos dados, procuramos informar aos sujeitos da pesquisa sobre os objetivos pretendidos com este trabalho. Pedimos que, caso concordassem em contribuir com a pesquisa, assinassem ao termo de consentimento, o que nos daria autorização para usarmos suas falas em nosso trabalho. Mesmo com a autorização dada no momento, os professores foram informados também que poderiam cancelar e anular sua participação no projeto, caso decidissem não mais participar da investigação. Os questionários foram preparados a fim de buscar respostas às perguntas que ainda não haviam sido respondidas com nossa observação do cotidiano.

O questionário é o instrumento mais usado para o levantamento de informações. Não está restrito a uma quantidade de questões, porém, aconselha-se que não seja muito exaustivo, para que não desanime o pesquisado. É entregue por escrito e também será respondido por escrito (BARROS, 2007, p.106).

Os dados coletados com os questionários foram analisados e agrupados a partir de trechos de maior compatibilidade entre os professores e de também de acordo com as maiores divergências encontradas. A partir das respostas foi possível fazer um comparativo com os métodos que produzem resultados positivos e os que não produzem resultado nenhum ou mesmo se produzem resultados negativos usados nas aulas.

Ainda segundo Barros (2007, p.110), “os dados foram analisados e se transformaram em elementos importantes para a comprovação ou não das hipóteses”.

4 – OS SUJEITOS DA PESQUISA: O QUE AS OBSERVAÇÕES NOS REVELAM?

A partir das observações do cotidiano da escola e dos sujeitos da pesquisa em questão, elaboramos nosso diário de campo. Apresentaremos nas próximas linhas deste capítulo a “atmosfera” captada por nós bem como nossas percepções acerca dos colaboradores deste trabalho.

4.1 PERCEPÇÕES ACERCA DE CARLOS

Trata-se de um aluno do 4º ano do ensino fundamental, do turno vespertino da “Escola Laço Azul”. Carlos tem acompanhamento (atendimento especializado) desde o segundo semestre do ano de 2012, quando ele frequentava o 2º ano. Tem muita dificuldade de se relacionar com os colegas. Tem uma coordenação motora fina muito desajeitada, o que torna sua escrita, dependendo do seu estado emocional, quase ilegível. Demonstra reações agressivas quando contrariado e não costuma realizar as atividades se, por exemplo, esquecer o lápis ou borracha em casa. Pequenos eventos, como o esquecimento de um material, abalavam consideravelmente sua estrutura emocional. Aluno extremamente dependente da pessoa que o acompanhava. Sabe ler, mas não o fazia, dependendo de outra pessoa para fazer a leitura para ele. Sua capacidade cognitiva sempre foi compatível com a dos demais alunos da sala, porém, sempre estava indisposto e em algumas aulas era muito difícil mantê-lo durante muito tempo, em sala.

Durante o recreio ou aulas de Educação Física que, a propósito, são suas preferidas, ele se irritava facilmente, caso não o convocassem logo. A dificuldade de entender que havia uma ordem para compor os times era grande e isso o agitava bastante e, em decorrência disso, qualquer que fosse o contato físico com os colegas durante as atividades era motivo de um revide violento da parte dele que não entendia que esses contatos eram em decorrência da atividade que estavam praticando. Assumia inúmeras vezes a posição de vítima, mesmo quando o agredido, era o colega de classe.

No que tange à família de Carlos, os pais separados não mantêm bom relacionamento. O diagnóstico da síndrome após a separação dos pais complicou ainda mais o tratamento e a disposição para aceitar as

particularidades do transtorno na vida do filho. Este, porém, reflete tudo o que se passa em casa na escola. Deixando evidente que precisa de mais estrutura emocional para mostrar resultados concretos na escola.

4.2 PERCEPÇÕES ACERCA DE JOÃO

Aluno do 6º do ensino Fundamental, João é um menino pacato e misterioso que tem 15 anos de idade. Menino educado, com bom hábito higiênico, sempre cheiroso e bem limpo. No ambiente de sala de aula é resistente a obedecer às regras estabelecidas pelo professor regente. Não gosta de participar das atividades em grupo e se recusa a fazer qualquer tipo de trabalho que tenha sido proposto pelo professor.

No que tange aos aspectos psicomotores, tem equilíbrio corporal seguro apesar de um tanto fora do peso, mas não tem agilidade nos jogos propostos e sugeridos no caso das aulas de Educação Física e por esse motivo, nunca participava.

Tem uma boa coordenação motora, recorta sem dificuldades, mas não gosta de pintar e tem muita “preguiça” de fazer atividades. Tem grandes dificuldades nas atividades de interpretação textual. Apresenta dificuldades na leitura, lendo muito devagar e logo se desinteressa por esse tipo de atividade. Tem dificuldades de concentração devido ao barulho, que por menor que seja, o atrapalha. Então, durante as explanações dos professores, normalmente abaixa a cabeça, ficando com olhar distante e perdendo assim, os conteúdos ministrados. A maior parte das atividades de sala é concluída em casa, graças ao suporte que sua mãe, muito zelosa, lhe proporciona.

Sua oralidade é comprometida, pois repete a mesma expressão constantemente (palilalia)⁵. Tem muita dificuldade em se calar quando o momento requer silêncio, no caso de provas, por exemplo. Porém, mesmo sendo falante tem dificuldades em expor suas ideias e não gosta de ser solicitado para falar na sala de aula. Tem facilidade em organizar informações que são do seu interesse. Nos cálculos é raro não precisar da ajuda do

⁵ Palilalia é a repetição ou imitação de eco feitas por uma pessoa relativamente a palavras acabadas de proferir por essa mesma pessoa.

professor ou do(a) estagiário(a) para resolver operações. Não sabe tabuada, necessitando da consulta constantemente, o que torna ainda mais cansativa para ele essa atividade.

4.3 PERCEPÇÕES ACERCA DE MARIANA

Formada em Pedagogia, pós-graduada em Educação Especial com ênfase em Educação Inclusiva, possui especialização em Educação Inclusiva e é mestranda em Educação Especial, mais especificamente desenvolvendo pesquisas na área das Altas Habilidades/Superdotação. Atua na Educação Especial – Deficiência Intelectual/Autismo/Deficiências Múltiplas. Trabalha na educação há 44 anos e está atuando na educação especial há aproximadamente 18 anos.

Durante o processo de observação naquela escola foi notório que seu posicionamento no questionário está condizente com a sua prática. Seu carinho e dedicação para com as crianças que atende são óbvios. Demonstra preocupação no trabalho com os alunos para que esses produzam e não somente fiquem ali “passando” pela escola. Um fator de importante relevância que foi constatado em nossas observações é que apesar de já atuar com essas crianças há bastante tempo, Mariana sente a necessidade e a importância da formação continuada, pois segundo suas palavras:

Considero fundamentalmente importante a formação teórica para embasar prática, pois uma sem a outra inviabiliza o trabalho (fala de Mariana, profissional de atendimento educacional especializado).

Mariana é uma profissional que acredita na inclusão, mas é consciente de que o desafio é grande. Para ela ainda é bastante carente a mão de obra qualificada, ainda faltam políticas públicas que vise à formação continuada e que, não basta apenas gostar de crianças e de trabalhar com elas, mas é preciso:

Abraçar a causa com amor, responsabilidade e competência técnica (fala de Mariana, profissional de atendimento educacional especializado).

4.4 PERCEPÇÕES ACERCA DE JÚLIA

Formada em Pedagogia, possui curso de Pós-graduação em Educação de Jovens e Adultos e especializou-se em Educação Inclusiva (Deficiência Mental). Trabalha há um ano e meio na área da Educação Especial diretamente com alunos acometidos pela Síndrome de Asperger e outros transtornos ligados ao comportamento.

Júlia demonstra amor e paciência com seus alunos. Pouco depois de formar em Pedagogia já fez a opção de trabalhar com crianças especiais por identificação com a área. Quando perguntada se acredita na educação inclusiva ela responde que:

A inclusão é um processo contínuo e que nos dias atuais têm ocorrido várias mudanças em relação às práticas pedagógicas que tem feito com que a inclusão (*não) aconteça, mas ainda vejo lacunas que impedem a concretização (Fala de Júlia, professora de atendimento educacional especializada).

Para Júlia, o ato de incluir,

Vai além de o aluno estar inserido no cotidiano escolar. Significa criar possibilidades para que o mesmo possa desenvolver intelectualmente, socialmente e culturalmente (Fala de Júlia, professora de atendimento educacional especializado).

4.5 PERCEPÇÕES ACERCA DE CAROLINA

Formada em Pedagogia e pós-graduada em Gestão Escolar. Atua na escola regular de ensino público há 23 anos e, apesar de já ter tido algumas experiências com alunos com a síndrome, não fez nenhum curso de especialização. Porém, afirmou que acredita na importância de conhecer a respeito da síndrome bem como de outras deficiências e transtornos existentes. Disse ainda que, apenas participou de algumas palestras cujo enfoque era a inclusão.

Mesmo não sendo uma conhecedora do transtorno, Carolina percebe as características peculiares do aluno com Asperger e procura desenvolver métodos para trabalhar com eles. Para ela incluir

É dar condições de espaços físicos, informações sobre a síndrome e pessoas para dar atendimento individualizado. A escola precisa, a

cada ano, ter um momento com o grupo, socializar os conhecimentos das síndromes e aceitação do aluno com o direito que ele tem como todos os demais (Fala de Carolina, professora da rede regular de ensino).

5 - A RELAÇÃO APRENDIZAGEM X DESENVOLVIMENTO E AÇÕES PEDAGÓGICAS REALIZADAS COM UMA CRIANÇA COM ASPERGER: UM ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE VITÓRIA

Analisando os dados coletados por intermédio da aplicação dos questionários pretendemos neste capítulo inferir algumas considerações acerca da inclusão e dos processos de ensino e aprendizagem dos alunos com Asperger, matriculados na escola em questão.

De acordo com as respostas obtidas, independente da diferença existente com relação ao tempo de atuação das professoras, as falas das profissionais são convergentes no sentido de que, para as mesmas, não basta apenas ter boa intenção, amor e dedicação. É de grande relevância que haja domínio da capacidade técnica e embasamento teórico acerca da Síndrome de Asperger.

No caso do aluno Carlos, a primeira característica percebida é a de irritabilidade e dificuldade de concentração. Estressa-se com muita facilidade e fica com raiva se é contrariado, chegando às vezes a ter reações de descontrole total. Flexibilidade não é uma característica inerente ao Carlos. Nesse caso, percebemos que existiam algumas alternativas para melhor lidar com a impaciência de Carlos. Ao perceber que começava a ficar ansioso, a melhor solução era retirá-lo da sala de aula para que aliviasse um pouco seu quadro de tensão. Lavar o rosto ajudava muito. Ao final do estágio ele mesmo já pedia para lavar o rosto sempre que chegava irritado ou até mesmo com sono. Isso funcionava muito bem.

Carlos precisava de alguém para fazer uma checagem diária das suas atividades, verificando se está copiando ou não e encaminhando as observações aos professores. Essa dependência dele não foi superada. Nos dias mais agitados, a professora autorizou a saída de sala dele para que realizasse as atividades em ambiente mais calmo. Ele também necessita da ajuda da mãe em casa, pois se esquece do material do dia fica extremamente nervoso, como já narrado anteriormente.

Quando chega angustiado por problemas de fora da escola, a melhor estratégia adotada era levar Carlos para um ambiente “neutro” para que ele falasse sobre o que o estava deixando angustiado. Ainda sim, não era sempre

que se expressava. Na maioria das vezes, preferia ficar na sala de recursos multifuncionais jogando ou brincando com alguma coisa até melhorar e, então, poderia voltar para a sala de aula. Porém, caso não fosse respeitado esse processo, bater de frente e insistir em mantê-lo em sala de aula muitas vezes não dava resultados. Ao contrário, várias vezes foi preciso chamar os pais para vir buscá-lo na escola.

Quanto à escrita, Carlos não tem boa caligrafia, não gosta de escrever e é bastante lento, por isso a estratégia usada foi dividirmos essa tarefa entre ele e a pessoa que o acompanhava. Se a professora dividia o quadro em quatro partes ele copiava a primeira parte, a estagiária copiava a segunda parte, ele copiava a terceira parte e a estagiária a quarta, fazendo assim, Carlos não perdia o foco. Quanto à leitura e interpretação dos enunciados, inclusive das provas, Carlos tem muita dificuldade. Ele lê muito bem, mas não tem concentração o bastante para interpretar, por isso, em provas e atividades, a estagiária fazia a leitura para ele, assim ouvindo, conseguia entender melhor o que se propunha.

No que tange à quantidade de atividades, a professora de educação especial nos orientou a diminuir o número de questões para que ele não ficasse cansado demais e assim, desistisse de fazer. Foi exercício de muita paciência e persistência fazer com que Carlos pulasse a sequência, caso encontrasse alguma atividade ou mesmo questão de prova que não conseguisse resolver. Para ele era sacrificante deixar alguma questão em branco ou mesmo para fazer depois, pular a sequência. No final do nosso estágio, ele fazia isso sem o menor problema. Empecilho superado.

Quando começamos nosso trabalho, Carlos tinha muita dificuldade em jogar ou brincar com os colegas. Se esbarrassem nele, não aceitava que fosse acidente e muitas vezes agrediu os colegas como forma de revide. Isso também foi superado. O diálogo entre as professoras e os pais do aluno ajudou muito pois, sua mãe o matriculou em atividades físicas fora da escola para extravasar a energia.

depois que começamos a trabalhar juntos, Carlos se acostumou à presença do estagiário. Não admitia que uma de nós (estagiárias do mesmo) fosse à mesa

dos colegas e começava chamar insistentemente, de forma que não fazia mais nada se “a estagiária” não estivesse ao seu lado. Então, com a ajuda da professora regente, fomos aos poucos, tirando essa dependência dele. Os primeiros dias foram bastante difíceis, pois ele não aceitava de forma alguma e então, em forma de protesto não fazia nada do que a professora pedia, mas aos poucos foi se acostumando. A rotina de que éramos propriedade dele foi mudando e transformou-se em parceira. O mesmo podemos dizer que aconteceu com o fato de a professora tê-lo trocado de lugar na sala de aula. A professora tem o hábito de fazer o rodízio dos alunos de tempos em tempos. Nos primeiros rodízios, a instabilidade no Carlos foi gritante, mas após algumas vezes, com conversas e explicações do porque de os alunos trocarem de lugar, Carlos foi se habituando e isso também se tornou rotina para ele. Ou seja, de um jeito ou de outro, a rotina faz parte da vida de Carlos.

Para finalizar o relato sobre Carlos, enfatizamos aqui a importância do diálogo estabelecido entre os pais e os professores dele, incluindo a abertura que foi dada à estagiária que o acompanhava. Esse diálogo era mantido diariamente por meio de uma agenda. Nela era registrado tudo o que se referia ao comportamento do aluno, as atividades de casa, as trocas de horários, enfim, tudo o que pudesse deixá-lo agitado.

Embasando a importância das parcerias acima mencionadas, segue o que diz Júlia sobre o apoio e suporte profissional que esses alunos recebem.

A escola onde trabalho possui uma estrutura física com três professoras especializadas na área de deficiência mental, dez estagiárias, um professor de educação e mobilidade e uma sala de recursos multifuncional com equipamentos e materiais pedagógicos que contribuem no processo de desenvolvimento do aluno (Júlia, professora de atendimento educacional especializado).

Com relação ao aluno João, as intervenções feitas no decorrer do acompanhamento foram o estímulo à escrita e à leitura. Nesse caso, a biblioteca era o melhor lugar, pois aproveitávamos os intervalos ou então as aulas de educação física. A estagiária que o acompanhava lia um parágrafo do livro que João gostava e ele lia o outro e isso fazia com que seu interesse pela leitura aumentasse. Copiava algumas partes que ele mais gostava, fazendo

assim com que aperfeiçoasse a escrita também. Algumas vezes ele não queria copiar e nem ler, mas com persistência e paciência se conseguia algum resultado positivo diante de suas limitações e reclamações.

Outro ponto que podemos destacar como intervenção foi o uso da sala de recursos para conversar com ele e alguns alunos da turma, pois várias foram as situações de conflitos entre ele e os colegas de sala. Essas conversas eram orientações e informações sobre a síndrome e suas características que muitas vezes eram desconhecidas pelos outros alunos. Por isso, estando cientes das causas de muitas crises dele em sala de aula, através de conversas informativas, poderiam auxiliar na inclusão de João. Alguns colegas resistiam alegando que ele era implicante também e esses, apresentavam muita resistência com relação à presença dele em sala durante as aulas. A intervenção em inúmeros casos foi necessária.

Mariana, ao responder ao questionário, chama a atenção para a importância de um processo contínuo de formação dos professores, uma vez que sempre estarão surgindo novas técnicas, novos modelos e novas práticas e mesmo que a teoria seja baseada em sugestões, é sempre importante que a ação esteja embasada em técnica e teoria.

Acredito que estamos numa escola onde os recursos materiais existem, boa estrutura, estagiárias comprometidas com o seu trabalho (cooperativismo). Há educadores habilitados academicamente, com prática e teoria capazes de desenvolver um trabalho que podemos considerar bom, mas que sempre há o que melhorar, porque o mundo está em movimento e precisamos acompanhá-lo (Fala de Mariana, profissional de atendimento educacional especializado).

Como João tinha dificuldades de concentração, vivia “imerso” no seu mundo interior, parecendo que estava com o pensamento longe, durante as explicações em sala de aula. Então, a estratégia era tocar no seu braço, sempre que era percebido que ele estava desatento. Chamar pelo nome usando um tom de voz baixo também ajudava.

Estabelecemos uma rotina diária, envolvendo atitudes como saber esperar, se concentrar, levantar o dedo para falar em sala de aula, pois ele queria falar a qualquer momento. Tais comportamentos eram constantes e apesar da

resistência, com insistência foi percebido bom resultado, mesmo que por tempo determinado.

No que se refere às avaliações, realizávamos na sala de recursos. Da mesma forma que o Carlos, João também necessitava de alguém para fazer a leitura em voz alta das questões e, assim, ele resolvia, haja vista que tinha dificuldades de interpretar e se sentia seguro quando alguém, de preferência próximo dele o ajudasse nesse sentido. A questão que ele não conseguia resolver deixava em branco, mas as provas eram feitas integralmente por ele. A ajuda era tão somente no que se refere à leitura.

O importante, no caso do João, era considerar suas características, seu tempo para aprender, que não acompanhava o restante da turma e, sobretudo, era preciso muita paciência para tratar com ele em todos os aspectos. João é um adolescente, que fica muito sozinho na escola, não gosta de socialização, mas a companhia da “sua” estagiária era solicitada com certa frequência. Isso significava que essa figura para ele, tinha grande importância e necessidade. No caso do João, as “doses” de paciência, persistência e dedicação deveriam ser em maior quantidade, uma vez que ele gostava de falar, ou melhor, de repetir suas próprias falas.

Sua mãe ajudava bastante e se interessava pelos assuntos do filho. Sempre estava na escola buscando estreitar as relações com as professoras da educação especial, estagiárias do aluno e professores regentes. Essa parceria sempre foi fundamental para o melhor desenvolvimento do aluno.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando começamos o estágio na escola “Laço Azul” e tivemos os primeiros contatos com a Síndrome de Asperger, tivemos a certeza de que precisávamos buscar mais conhecimentos para entendermos melhor os alunos com os quais trabalharíamos. Então, buscamos equilibrar teoria e prática, coletando e juntando dados e referenciais teóricos, na perspectiva de melhor compreender este transtorno do desenvolvimento tão peculiar.

Para isso, contamos com a ajuda ímpar dos nossos sujeitos e das nossas parceiras/professoras, sem os quais, percebemos que seria inviável esse trabalho, pois mesmo esses alunos tendo direito à educação assegurada por lei, a eles é preciso mais que isso. Entendemos que um professor engajado na vida escolar do aluno com Asperger é de suma importância. É o trabalho dos envolvidos que fará essa inclusão de fato acontecer.

Para tanto, sinalizamos como necessário salientar a relevância da formação do professor. Formação essa que poderá provocar mudanças comportamentais muito grandes, pois é sabido que aceitar as diferenças, exercer a paciência e compreensão é muito difícil para muitos. Cabe ressaltar que ainda hoje existe uma certa insegurança por parte de profissionais para lidar com esses alunos, mas que eles precisam se conscientizar da importância do seu trabalho na vida dessa criança. Sabemos o quanto é difícil trabalhar com uma sala lotada e ainda precisar se adaptar ao aluno com a síndrome, porém, a mudança de paradigmas e de posturas precisa ser adotada pela escola, saindo do modelo tradicional e por vezes preconceituoso. É preciso rever posturas, envolver toda a comunidade escolar e adotar uma prática mediadora entendendo que a diversidade pode ser extremamente enriquecedora na vida de qualquer pessoa.

O aluno com SA tem suas particularidades e é na compreensão delas que as possibilidades de intervenção surgem. Assim podemos entrar no seu mundo buscando-o para participar do mundo dos demais. A aceitação do incomum torna possível sua inclusão.

Ressaltamos ainda que a família trabalhando junto com a escola podem produzir resultados muito interessantes e que o trabalho pedagógico é o ponto principal dessa temática. É fundamental o empenho na mudança de posturas, na inovação e ainda é fundamental acreditar na transformação social. E se queremos uma escola de qualidade, precisamos, de fato, rever atitudes, visto que é urgente pensar, estudar e debater, se preciso for até mesmo os currículos, especialmente se estaremos tratando da inclusão do aluno com Síndrome de Asperger.

Finalmente, pudemos confirmar na prática, o quanto a nossa educação regular ainda precisa de mudanças e transformações para que a utopia da inclusão torne-se um sonho possível. Mas vimos também que existem muitos profissionais envolvidos que querem que a inclusão aconteça. Há muito o que fazer, mas há muitas possibilidades de como se fazer. E não basta amar apenas é preciso se especializar, buscar formação e querer fazer com que ações concretas sejam desenvolvidas em prol dessa inclusão.

7 – REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de – **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação** / Maria Margarida de Andrade. – 10 ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

BARBOSA, Ana Gabriela. **Autismo X Síndrome de Asperger**. 2009. <http://educaçãoeinfanciaemfoco.blogspot.com.br>. Acesso em 30/10/2013.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB**: nº 9394/96. Brasília: 1996.

BRASIL, Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação** (Lei nº 9.394). Brasília: Centro Gráfico, 1996.

BELISÁRIO FILHO, José Ferreira – **A educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: transtornos globais do desenvolvimento**/José Ferreira Belisário Filho, Patrícia Cunha. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; [Fortaleza]: Universidade Federal do Ceará, 2010.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira – **Fundamentos da metodologia científica**/ Aidil Jesus da Silveira Barros, Neid Aparecida de Souza Lehfeld. – 3. Ed. – São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CID 10. F84.5 – **Síndrome de Asperger**. 2007. <http://cid10.bancodesaude.com.br/Cid-10-f/f845/síndrome-de-asperger>. Acesso em 07/08/14.

COLL, Cesar - **Desenvolvimento psicológico e educação** / organizado por Cesar Coll, Álvaro Marchesi e Jesus Palácios; trad. Fátima Murad- 2ª Ed.- Porto Alegre: Artmed, 2004.

CARVALHO, Rosita Edler - **Removendo barreiras para aprendizagem: educação inclusiva** / Rosita Edler Carvalho - Porto Alegre: Mediação, 2000.

DRAGO, Rogério - **Infância, Educação Infantil e Inclusão** – Rogério Drago. - Vitória Aquarius , 2007.

DRAGO, Rogério – **Síndromes: conhecer, planejar e incluir**/ Rogério Drago (organizador). – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012

DEMO, Pedro 1941 – **Metodologia do conhecimento científico** / Pedro Demo. – 1. Ed. – 6. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009.

DIAZ, Félix – **Educação Inclusiva, deficiências e contexto social: questões contemporâneas/** Félix Diaz, Miguel Bordas, Nelma Galvão, Therezinha Miranda, organizadores: Autores, Elias Souza dos Santos...[et. AL.]. – Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em pdf.

GIL, Antônio Carlos, 1946 – **Como elaborar projetos de pesquisa** / Antônio Carlos Gil. – 3. Ed. – São Paulo: Atlas, 1991.

LEAL, Carlos Eduardo Gonçalves – **O sentido subjetivo da inclusão pra o sujeito com síndrome de Asperger** / Carlos Eduardo Gonçalves Leal. – 2011. 146f. : il.

MANTOAN, Maria Teresa Égler: **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** / Maria Teresa Égler Mantoan. – 2 ed. – São Paulo: Moderna, 2006.

MANTOAN, Maria Teresa Égler / **Ser ou Estar, eis a questão: explicando o déficit intelectual** – Maria Teresa Égler Mantoan – Rio de Janeiro: WVA, 2003.

MAZZOTTA, Marcos José Silveira – **Educação Especial no Brasil: História e Políticas Públicas** / Marcos José Silveira Mazzotta. – São Paulo, 1996.

MACEDO, Lino – **Ensaio Pedagógico: como construir uma escola para todos?** / Lino de Macedo. – Porto Alegre: Artmed, 2005.

PEREIRA, Iara Brandão - **Entendendo a Síndrome de Asperger**. 2013. Iara Brandão Pereira, neurologista infantil do Hospital Israelita Albert Einstein. Acesso em 28/04/2014.

ROSA, Dalva E. Gonçalves - **Políticas organizativas e curriculares, educação inclusiva e formação de professores** / [organizadores, Dalva E. Gonçalves Rosa, Vanilton Camilo de Souza]; Alfredo Veiga – Neto... [et AL.]. – Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão./ Construindo uma sociedade para todos** - Romeu Kazumi Sasaki. – Rio de Janeiro: WVA, 1997.

STAINBACK, Susan & Willam – **Inclusão: um guia para educadores** / Susan Stainback: trad. Magda França Lopes. – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO



CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu,....., concordo em participar do estudo....., como sujeito. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelos(as) pesquisadores(as) sobre o tema (Síndrome de Asperger) e os benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido o sigilo das informações e que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer prejuízo ou interrupção do meu acompanhamento, além de a garantia de não ter meu nome mencionado, mantendo, assim, o sigilo sobre o mesmo.

Local e data...../...../.....

Nome.....

Assinatura do sujeito responsável.....

EDUCAÇÃO INCLUSIVA – SÍNDROME DE ASPERGER

Questionário sobre a Síndrome de Asperger desenvolvido pelas alunas Sueli Kill da Silva e Cléria da Penha Dias Del Antônio para fundamentar a base empírica do Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia da Faculdade Capixaba da Serra – Multivix Serra.

Nome (fictício): _____

Formação acadêmica: _____

Área de atuação: _____

Tempo de atuação: _____

1 – Participou ou participa de algum curso relacionado à inclusão? Considera essa formação importante?

2 – Conhece a Síndrome de Asperger? Poderia citar alguma (a)s característica (as) da síndrome?

3 – Emocionalmente, como você percebe que esses alunos se comportam?

4 – Como você trabalha com alunos com Asperger, considerando suas especificidades? Tem tido resultados positivos ou negativos?

5 – Acredita que a educação inclusiva contribui, de fato, para o fim da exclusão dos alunos com síndromes e/ou deficiências? Por quê?

6 – O que você considera ser relevante facilitador para o seu trabalho em sua sala de aula? E o maior desafio para tornar a inclusão realidade? Teria alguma sugestão a fazer?

7 – Conhecendo bem o cotidiano da sua escola, o que você destacaria como positivo que tal escola tem a oferecer aos seus alunos com SA?

8 – Para você, o que é incluir?

Obrigada por sua colaboração!

Sueli e Cléria

RELATÓRIO

RELATÓRIO DA ESTAGIÁRIA DO ALUNO CARLOS

Os primeiros contatos com o aluno Carlos foram muito distantes. Ele era e ainda é um menino que tem dificuldades significativas em se relacionar. E mesmo sentando ao seu lado, a aproximação foi aos poucos e lentamente conquistada. Nos primeiros dias a orientação era de que não poderia ajudá-lo a fazer nada, apenas estaria ali pra auxiliar nos momentos de crises, que eram bem frequentes. Porém, ao passar dos dias fui percebendo que a ajuda precisava ir além disso, aliás, a ajuda deveria acontecer justamente para evitar que essas crises acontecessem. E fomos criando nossa parceria. E o aluno que não fazia quase nada na sala de aula, apesar de saber ler e escrever (apenas letras de forma) passou a produzir e com isso suas crises diminuíram consideravelmente.

Carlos tinha dificuldades para brincar, para jogar com os alunos na Educação Física e nas aulas lúdicas, acreditava que qualquer esbarrão decorrente das atividades era, para ele, uma rejeição dos demais alunos para com ele e revidava com agressões violentas, que na maioria das vezes, alguém que não ele saía chorando, pois ele sempre foi maior e mais forte que os colegas. Com conversas longas e com muita paciência fomos ajustando e Carlos já aceita essa prática com normalidade. Ainda há momentos em que os conflitos ocorrem, mas isso está dentro do aceitável, pois não há grande incidência com antes.

O aluno tem bastantes dificuldades para fazer as atividades de casa. Sempre chega a escola com as atividades de casa sem fazer. Isso ocorre porque Carlos precisa de ajuda ou mesmo uma supervisão de alguém para conferir se há dever de casa para fazer, se as atividades estão em dia, se os materiais estão dentro da mochila, pois a ausência de algum item, seja um lápis ou uma borracha, causa nele grande frustração, o que pode causar um desanimo enorme, uma crise que em algumas vezes não permite que ele produza nada mesmo. Carlos choraminga e fala como se tivesse idade bem inferior a que realmente tem. A tática nesse caso era deixar ele quieto, ficar falando apenas o irritava ainda mais. Funcionava também levá-lo para a quadra da escola e

deixá-lo brincar e correr, gastando as energias e, muitas vezes até conseguíamos voltar para a sala de aula.

Ao final do estágio com o Carlos nos comunicávamos muito bem e mantínhamos uma relação de parceria. Carlos sabia que podia contar comigo e contava mesmo. Ele se sentia seguro com minha presença ao seu lado. Caso fosse necessário e outra pessoa assumia esse posto, ele já ficava apreensivo. Porém, essa necessidade da minha presença era preocupante, pois sabemos que os alunos com a síndrome tem a rotina como característica. E eu fazia parte dessa rotina. Carlos confiava em mim, então conseguia grandes avanços na sua aprendizagem por conta dessa confiança. Tudo que fosse necessário era escrito na sua agenda que funcionava como um elo entre a escola e a mãe do aluno. Isso contribuía para que os esquecimentos de materiais escolares e atividades de casa sem fazer diminuíssem.

Nos momentos de preguiça (que Carlos costumava ter) fazia-o refletir sobre se era legal deixar de estudar uma aula qualquer e fazer a aula de Educação Física sem problemas, pois Carlos adora as aulas de Educação Física. Então, ele procurava mesmo de mau humor, fazer estudar as outras aulas também. Funcionava como uma troca. Essas trocas sempre funcionavam, pois Carlos odiava perder seja lá o que fosse. E quando estava em sala, queria sempre ser o primeiro a terminar as atividades. A escrita dele é ruim, sua letra é de difícil compreensão e se cansa de escrever com facilidade. A tática usada nesse caso foi quando a professora passava algo no quadro, dividíamos o mesmo em quatro partes iguais. Ele copiava a primeira e a terceira partes e eu as demais. Esse revezamento fazia com que ele não extraviasse sua atenção. Caso houvesse muita coisa a fazer nos livros, usávamos a mesma condição.

Nossa relação era baseada em cumplicidade e paciência. Não havia outra forma de trabalhar com ele se não fosse com essas duas condutas. A nossa parceria produziu resultados positivos. Com o apoio das professoras da Educação Especial que, em muitos momentos tiveram que intervir, fomos conseguindo ao longo desses 18 meses juntos o aluno, cresceu bastante e já consegue aceitar com um pouco mais de facilidade a quebra de sua rotina.

APÊNDICE D – RELATÓRIO

RELATÓRIO DA ESTAGIÁRIA DO ALUNO JOÃO

“Durante um ano e meio, estive atuando na escola onde João estuda. Um menino quieto e misterioso de 15 anos de idade. No ambiente de sala de aula sempre resistente a obedecer a regras estabelecidas pelo professor regente sendo necessário a todo instante, intervenção para que ele fique em sala de aula. Como sua concentração era muito prejudicada, vivia mergulhado no seu mundinho interior, parecendo que estava com o pensamento longe. Durante as explicações do professor chamava sua atenção com um toque no braço sempre que percebia que ele estava desatento, chamá-lo pelo nome em tom de voz baixo também ajudava.

Estabeleci uma rotina diária para ele saber esperar, se concentrar, levantar o dedo para falar em sala de aula, pois ele queria falar a qualquer momento. Nos cálculos quase sempre necessita de ajuda auxílio do professor ou do estagiário (a) para resolver operações, não sabe tabuada, sendo necessário o uso de uma impressa que carrega consigo.

João não gosta de participar das atividades de grupo e se recusa a fazer qualquer tipo de trabalho que tenha sido proposto pelo professor. Nos trabalhos de sala, fazíamos juntos. A falta de interação social era notória. E a falta de informações por parte dos colegas só prejudicava ainda mais esse relacionamento. A intervenção foi o uso da sala de recursos para conversar com ele e alguns alunos da turma, pois várias foram às situações de conflitos entre ele e colegas de sala, essas conversas eram orientações e informações, sobre a síndrome.

Menino educado, culto, com bons hábitos higiênicos, sempre cheiroso e bem limpo. Apesar de estar acima do peso, característica da síndrome, tem equilíbrio corporal seguro, mas não tem agilidade nos jogos propostos e sugeridos durante as aulas de educação física, das quais nunca participa. Tem uma boa coordenação motora, consegue recortar bem, porém pintar, não gosta.

Tem dificuldades de interpretar textos, lê e escreve devagar e somente quando as e não gosta de ser solicitado para falar na sala de aula,

entretanto, consegue organizar informações do seu interesse. Com relação às atividades de casa conta sempre com ajuda da mãe, pois em sala de aula não consegue concluir as tarefas.

Estimulava a escrita e leitura e a biblioteca era o melhor lugar, pois aproveitávamos os intervalos ou então as aulas de educação física e com base em um livro de sua preferência, eu lia um parágrafo e ele lia o outro. Isso fazia com que se interessasse pela leitura. Copiava algumas partes que ele mais gostava, fazendo assim com que aperfeiçoasse a escrita também. Independente de ele querer ou não, o que mais surtia resultados era a persistência.

No que se refere às avaliações, as realizávamos na sala de recursos. Fazia a leitura em voz alta das questões e ele resolvia, pois tinha dificuldade de interpretar e se sentia seguro quando alguém o auxiliava. A questão que ele não conseguia resolver deixava em branco.

O importante era considerar suas características, seu tempo e, sobretudo ter paciência em todos os aspectos.”